

## A GRAFIA DE SÍLABAS COMPLEXAS NA ESCRITA INICIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DADOS DE ESCRITA ESPONTÂNEA E CONTROLADA

LISSA PACHALSKI<sup>1</sup>; ANA RUTH MORESCO MIRANDA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – pachalskil@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, vinculado ao Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE/CNPq/UFPEL), se desenvolve em uma linha de investigação que busca analisar as relações simétricas e/ou assimétricas entre o conhecimento fonológico infantil e as grafias alfabéticas de crianças em período de aquisição da escrita, especialmente aquelas em que são verificados erros ortográficos.

Neste estudo, especificamente, os objetivos são descrever e analisar, de forma exploratória, erros envolvendo a grafia de estruturas silábicas complexas em dados de aquisição da escrita produzidos por alunos de 1º e 3º ano do Ensino Fundamental e coletados a partir de dois instrumentos: texto espontâneo e ditado de palavras. Com isso, também busca-se verificar a existência de correlações e/ou diferenças entre os dois instrumentos no que se refere às variáveis observadas (ano escolar, quantidade de erros e contextos, tipo de estrutura silábica).

No universo de estruturas silábicas complexas passíveis de análise, foram selecionadas *onset* complexo e coda<sup>1</sup>. Ambas têm baixa frequência no léxico do Português Brasileiro (doravante, PB) (VIARO; GUIMARÃES-FILHO, 2007). Além disso, conforme indicam os estudos de aquisição da fonologia do PB, essas estruturas integram o conjunto daquelas adquiridas mais tardiamente, para as quais as crianças costumam produzir uma variedade de estratégias de reparo (RIBAS, 2004; MEZZOMO, 2004). Na aquisição da escrita, os estudos mais expressivos se dão em torno da grafia da coda medial. ABAURRE (1988) e MIRANDA (2009) apontam que os erros ortográficos se concentram na representação da nasalidade, o que sugere uma assimetria em relação ao observado na aquisição fonológica, uma vez que, neste âmbito, a coda preenchida por nasal é adquirida precocemente em relação às demais. Em um estudo descritivo sobre erros na grafia do *onset* complexo, PACHALSKI et al. (2014) indicam que as crianças utilizam estratégias semelhantes às observadas na aquisição da fala, como omissão da segunda consoante e metátese. No entanto, existem diferenças em termos de resultado, visto que algumas estruturas produzidas na escrita, especificamente no que diz respeito aos casos de metátese, ferem restrições fonotáticas da língua.

### 2. METODOLOGIA

Os dados analisados neste estudo compreendem uma amostra do sétimo estrato do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE), criado e sediado no GEALE. Eles foram obtidos por meio da aplicação de dois

---

<sup>1</sup> Coda medial preenchida por consoantes nasais, fricativas e líquida não-lateral e coda final em nomes, com exceção daquelas preenchidas por ditongo nasal.

instrumentos de coleta: (i) ditado balanceado, proposto por MOOJEN (2009), no qual havia, para os alunos de 1º ano, 12 contextos com coda e 4 com *onset* complexo, e, para alunos de 3º ano, 21 contextos com coda e 7 com *onset* complexo<sup>2</sup>; (ii) texto espontâneo<sup>3</sup>, realizado por meio de oficinas de produção textual nas quais a interferência externa e o controle das formas escritas pelas crianças são minimizados (cf. NÖRNBERG et al., 2018). A coleta dos dados ocorreu no ano de 2014. A amostra utilizada neste estudo é composta de materiais produzidos por 72 sujeitos, estudantes de 1º e 3º ano de 3 escolas públicas da cidade de Pelotas/RS. As variáveis – número de erros, número de contextos, tipo de estrutura silábica, tipo de instrumento e ano escolar – foram analisadas a partir de procedimentos de estatística descritiva, especialmente levantamento de frequência de ocorrência.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela a seguir apresenta o levantamento da frequência de ocorrência de erros em interação com as variáveis independentes do estudo, indicada pelos percentuais (à direita, entre parênteses), e com a referência dos números absolutos de erros em relação a contextos (à esquerda):

Tabela 1 – Comparativo da frequência de ocorrência de erros entre tipo de estrutura silábica envolvida, ano escolar e tipo de instrumento utilizado.

estrutura silábica	coda		<i>onset</i> complexo	
	1º ano	3º ano	1º ano	3º ano
<b>texto</b>	8/31 (25,8%)	41/296 (14%)	3/8 (37,5%)	19/111 (17%)
<b>ditado</b>	133/264 (50,3%)	270/1050 (26%)	39/88 (44,3%)	88/350 (25%)
<b>total</b>	141/295 (47,8%)	311/1346 (23%)	42/96 (43,75%)	107/461 (23%)

Um dado importante para a interpretação dos resultados é o de que o cálculo dos percentuais de cada item da tabela considerou o universo de possibilidades para a grafia das respectivas estruturas silábicas em cada ano escolar e em cada instrumento. É por essa razão que são observadas aparentes discrepâncias nos dados tabulados: visto que, por exemplo, para a grafia da coda em texto espontâneo foram verificados 8 erros ortográficos e um percentual de 25,8%, se esperaria um percentual maior para o 3º ano, uma vez que o número total de erros neste ano escolar é o quádruplo do 1º. No entanto, o universo de ambos é distinto: os alunos de 1º ano produziram 31 contextos para a grafia da coda (e erraram 8 desse total); já os alunos de 3º ano produziram 296 contextos (e erraram 41 desse total).

Tendo isso em vista, é possível observar o seguinte: (i) há maior frequência de erros no 1º ano, com notável queda no 3º ano, considerando ambas estruturas silábicas; (ii) há uma frequência relativamente equânime de erros ao ser comparada a grafia da coda com a grafia do *onset* complexo, e (iii) maior

<sup>2</sup> Para o 3º ano foi aplicado o ditado balanceado completo, com 50 palavras. Já para o 1º ano, foram ditadas 25 palavras do ditado, em virtude da possibilidade de fadiga das crianças mais pequenas. Salienta-se, também, que em um item lexical pode haver mais de um contexto com as estruturas silábicas neste estudo analisadas, como é o caso de 'ex.plo.são'.

<sup>3</sup> Consideramos que as produções textuais coletadas para o BATALE correspondem a textos espontâneos, apesar de haver uma temática apresentada pelo grupo que tem o objetivo de estimular a escrita mais criativa, em oposição ao que se conhece como texto escolar.

frequência de erros quando o instrumento é de natureza experimental (ditado balanceado) em relação ao naturalístico (texto espontâneo).

O resultado expresso no item (i) sintoniza com resultados apresentados por outros estudos já desenvolvidos no âmbito do GEALE, os quais apontam para uma progressiva queda na quantidade de erros ao longo dos anos escolares, sobretudo daqueles cuja natureza é fonológica, o que sugere tanto a ideia da aquisição da escrita como um processo gradual quanto a relevância da escolarização nesse processo de aprendizagem.

Nesse sentido, é fundamental atentar para a natureza dos erros produzidos por alunos de 1º e 3º anos. Em uma distribuição geral, os erros de alunos de 1º ano concentram-se na omissão da coda ('fa.ze.da' para 'fa.zen.da'), um fenômeno atestadamente de natureza fonológica (MIRANDA, 2009). Em seguida, vem a incorreta representação ortográfica de consoantes em coda ('es.tra' para 'ex.tra'), um tipo de erro cuja natureza está associada à organização do sistema ortográfico, o que envolve a aprendizagem de regras que podem ser definidas contextual ou arbitrariamente (MIRANDA; SILVA; MEDINA, 2005). No 3º ano, esse ranking é claramente invertido, figurando em primeiro lugar erros relacionados a questões ortográficas e em segundo lugar erros vinculados a questões fonológicas. Tais observações também se alinham àquilo que estudos do GEALE vêm apontando: as escritas mais iniciais das crianças sugerem que sua atenção está concentrada em um processo de retomada e análise explícita do seu conhecimento fonológico internalizado, o que, com o processo de escolarização, vai se estabilizando e dando lugar a uma maior atenção sobre convenções representacionais não predizíveis via fonologia.

Com relação ao item (ii), os resultados parecem não sugerir a possibilidade de estabelecer um ordenamento de aquisição das estruturas silábicas na escrita, tal como existe para a aquisição da fonologia. Embora coda e *onset* complexo sejam ambas consideradas, de modo geral, estruturas de aquisição fonológica mais tardia, a aquisição da coda é anterior à do *onset* (LAMPRECHT et al., 2004). Assim, as sílabas complexas aparentam ser tratadas pelas crianças, na escrita, sob uma perspectiva mais ampla, isto é, como um processo de aprendizagem e decisão, via *análise explícita* da hierarquia de constituintes silábicos, "sobre o número de segmentos que devem ser representados, bem como a posição que devem ocupar na estrutura das sílabas" (ABAURRE, 2001, p. 75).

Além disso, é interessante notar que não parece haver relação expressiva de erros na grafia das estruturas silábicas analisadas com os índices de frequência de tais estruturas no léxico do PB. Isso porque, uma vez sendo a sílaba CVC mais frequente (portanto, mais acessível e estável em termos representacionais) em relação à CCV (VIARO; GUIMARÃES-FILHO, 2007), poderia se esperar maior número de erros no *onset* complexo, o que não ocorre.

Por fim, relativamente ao item (iii), o que pode se depreender dos resultados é que instrumentos de natureza experimental como o ditado balanceado, para este tipo específico de pesquisa, podem ser excelentes aliados na construção de *corpus* de análise, uma vez que estabelecem de antemão os contextos de escrita, fazendo com que os sujeitos não evitem e/ou contornem a grafia de determinadas estruturas que, a princípio, são para eles mais difíceis. Inclusive, esta pode ser a causa de haver menos contextos para a grafia de *onset* complexo e coda em textos espontâneos e, também, mais erros no ditado.

## 4. CONCLUSÕES

Neste estudo, cujo foco é a análise de erros ortográficos nos anos iniciais de escolarização, procurou-se explorar potenciais relações de correlação e/ou diferença entre a ocorrência de erros: obtidos por meio de ditados e textos espontâneos; envolvendo a grafia do *onset* complexo e a grafia da coda medial e final (em nomes), e produzidos por alunos de 1º e 3º ano do Ensino Fundamental. Com isso, são construídas melhores bases para o desenvolvimento de estudos futuros que envolvam o uso do ditado balanceado como fonte de dados de escrita e que se detenham na análise da grafia de sílabas complexas durante a aquisição do sistema de escrita. A próxima etapa desta pesquisa consistirá, sobretudo, na ampliação do número de dados analisados, com a inclusão de material produzido por alunos de 5º ano, a fim de mapear o curso que as crianças percorrem na aquisição de sílabas complexas durante o 1º ciclo do Ensino Fundamental, por meio da análise de possíveis diferenças na natureza dos erros produzidos. Também continuará sendo objetivo observar as relações entre erros produzidos em textos espontâneos e em ditados balanceados.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representation. **European Journal of Psychology Education**, Dordrecht, v.3, n.40, p.415-430, 1988.

\_\_\_\_\_. Dados da escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos?. In: MATZENAUER, C. L. B. (org.). **Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: aspectos fonético-fonológicos**. Pelotas: EDUCAT, 2001. (p. 63-86)

MEZZOMO, C. L. Sobre a Aquisição da Coda. LAMPRECHT, R. R. et al. (org.). **Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2004.

MIRANDA, A. R. M. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais. In: Sheila Z. de Pinho (Org.) **Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação**. São Paulo: Unesp, 2009.

MIRANDA, A. R. M.; SILVA, M. R.; MEDINA, S. Z. O sistema ortográfico do Português Brasileiro e sua aquisição. **Revista Linguagens e Cidadania**, Santa Maria, v. 14, n. 1, p. 1-15, 2005.

MOOJEN, S. **A escrita ortográfica na escola e na clínica: teoria, avaliação e tratamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, [1985] 2009.

NÖRNBERG, M. et al. (orgs.). **Oficinas de produção textual: pesquisa e ensino nos anos iniciais**. São Leopoldo: Oikos, 2018. 91p.

PACHALSKI, L. et al. A produção de encontros consonantais tautossilábicos em dados de escrita inicial. In: **XXIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPEL**, Pelotas, 2014. Letras e Artes. Disponível em: [http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA\\_03222.pdf](http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA_03222.pdf).

RIBAS, L. P. Sobre a Aquisição do Onset Complexo. LAMPRECHT, R. R. et al. (org.). **Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2004.

VIARO, M. E.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas portuguesas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. XXXVI, p. 28-36, 2007.